

Entrevista com o Professor PAULO FREIRE, realizada em São Paulo, na sua residência, em 07 de Fereveiro de 1996.

MAXIMO: Antes de mais nada, meus agradecimentos por me conceder essa entrevista que considero muito importante para o meu trabalho de doutorado.

Eu gostaria de saber como o senhor entende essa relação entre as atividades científicas, acadêmicas, a produção do conhecimento, a pesquisa feita dentro dos rigores dos métodos científicos, por um lado, e, por outro, a militância político-partidária? Na sua prática pessoal parece-me que o Sr. consegue articular as duas coisas.

Paulo Freire: Olhe, eu também te agradeço pela oportunidade que tu me dás de ter essa conversa, ou de termos juntos essa conversa - conversa que você vem tendo, também, com outros professores, intelectuais, gente da educação ou não, pessoas envolvidas com atividades acadêmicas e com atividades político-partidárias. Esse é um tema que sempre me tocou de perto. Eu posso dar a minha resposta partindo do seguinte: primeiro, eu acho que toda atividade científica tem uma natureza política. Não é possível fazer ciência de forma neutra. Agora, há uma nuance entre fazer política de forma neutra - ou não fazer - e fazer política partidariamente. Pra mim é impossível negar e desconher o fundo político da atividade científica. Ela não é neutra. Ela implica compromissos, ela é ética, mas, necessariamente, não é partidária. Mas dizer só isso não basta.

No meu caso particular, a partir de me ver, e de me rever, é possível que eu veja outros também. Por exemplo: eu sou um homem do Partido dos Trabalhadores e, por muitas razões, quando eu ainda estava na Europa, no exílio, eu disse sim ao partido quando ele estava ainda em gestão. Tive ã razões para dizer este sim e me tornei, inclusive, uma espécie de sócio-fundador desse partido. Através do Gadotti, por uma procuração minha, eu assinei aquele documento, que a lei exige.

Enquanto educador, necessariamente, eu sou um político. E, enquanto político, eu procurei um partido com cujos sonhos, e com cuja utopia, eu sintonizasse. O partido se constitui, para mim, como algo, absolutamente, indispensável para que eu efetive a minha “briga” que não pode ser isolada e individual, mas dentro da prática social, a minha “briga” pela materialização do sonho. Mas como professor, como educador, se de um lado eu me sinto obrigado, até por uma questão ética, a explicitar aos alunos minha opção, de outro lado, eu acho que é um dever do professor revelar aos seus educandos esse direito e esse dever que eles têm de optar e de ter uma participação, não só vagamente política mas, decididamente, partidária.

MAXIMO: ou seja, não lhe basta essa dimensão política intrínseca, inerente, à educação?.

PAULO FREIRE: Não, não. Eu acho que não basta. Eu acho que uma das minhas tarefas políticas, como educador, é não esconder do educando que: primeiro, eu sou sujeito de opção; segundo, que eu levo muito a sério o direito que eu tenho e o dever de ter uma opção. O que eu não posso, porém, como membro do partido dos trabalhadores e professor é usar, nenhuma das condições de poder que o fato de ser professor me outorga, como instrumento meu de coercitibilidade para que o educando fique no meu partido. Isso, de maneira nenhuma. Então, sou político, sou do PT, mas não tenho como impor aos educandos a minha opção. Mas, preciso demonstrar aos educandos que eu opto, que eu não sou neutro. Então, acho que, com essas considerações deixei muito claro como é que entendo esses deveres nossos, de natureza ético-político-partidária. Quer dizer, o partido, para mim, ou a atividade partidária é, exatamente, aquela atividade através da qual é possível realizar-se, ou nos aproximarmos da realização da nossa utopia. Não posso, de maneira nenhuma, ser indiferente aos rumos do PT, como você não pode ser indiferente aos rumos do seu partido, e dizer: como intelectual, eu nada tenho a ver com isso. Não. Como intelectual, eu tenho tudo a ver com isso. Mas faço essa ressalva que acabei de te dizer: ao mesmo tempo, que eu

explicito ao aluno, que como gente, como intelectual, eu opto e preciso, inclusive, “brigar” para ter o direito de optar - e dou, ainda, as razões fundamentais porque opto - eu tenho profundo respeito pela opção e até pela falta de opção, que é uma opção negativa dos educandos.

MAXIMO: No dia em que marcamos essa conversa, ao telefone, eu lhe falei do tema, da relação entre os intelectuais e o partido político. E disse que tinha escolhido Paulo Freire, exatamente, porque entendia que o Sr. conseguia articular essas duas atividades. E o Sr. me disse que conciliava as duas atividades, exatamente, porque “não conseguia ser um homem dividido!”...

PAULO FREIRE: Exato! Exato! Eu não consigo ser um homem dividido!

MAXIMO: Falemos um pouco sobre o poder, e eu desejo saber suas opiniões de um ponto de vista pessoal. O Sr. esteve, recentemente, na Secretaria de Educação do Município de São Paulo, na Gestão da Luiza Erundina. Não ficou todo o tempo, embora eu saiba que tenha saído por livre opção. Poderia ter permanecido se o desejasse. Do ponto de vista pessoal, como um intelectual que conhece, amiúde, a educação brasileira, seus problemas e possíveis soluções, como alguém que conhece este país inteiro, com todos os seus problemas etc., a idéia de exercer o poder para transformar essa realidade que o Sr. como intelectual bem conhece, esta idéia do poder mesmo, sob um ponto de vista pessoal, é algo que lhe fascina?

PAULO FREIRE: Eu acho que esta sua segunda questão é tão boa quanto a primeira, é um desdobramento daquela. Em primeiro lugar, eu tenho muito claro o fato de que sem o poder você não muda. Do contrário, você cairia numa postura puramente de um humanismo vazio, de um discurso. Isto é, você defende a mudança e quando chega a chance de você ter um mínimo de poder para mudar, você diz não, eu não gosto desse negócio de poder. Eu tenho clareza com relação a isso. Agora, eu também acho que pelo fato de você ser um animal, profundamente, político, como eu acho que sou, pois eu respiro política o dia todo, isto não significa, porém, que você tenha o gosto pelo

poder, pelo comando. Não bate uma coisa com a outra. Não há, necessariamente, uma coincidência. Eu tenho uma compreensão crítica, teórica, da obviedade de que sem o poder não se muda. Isso é absolutamente óbvio! No entanto, eu não tenho, pessoalmente, o gosto correspondente a essa clareza sobre a necessidade do poder para transformar.

MAXIMO: O uso do poder, no caso, se daria em decorrência do que está posto no plano teórico e não do gosto pessoal? Ou seja, pessoalmente, o poder não lhe fascina.

PAULO FREIRE: Exatamente. Não me fascina de um ponto de vista pessoal. Então, eu acho que entre os meus direitos há esse também, ou seja, o de não me fascinar pelo poder. Mas qual é, então, o meu dever? O meu dever - considerando que não tenho fascínio pessoal pelo poder, não por uma questão de pureza, muito menos por puritanismo, nada disso, mas, então, em primeiro lugar, por ter clareza de que sem poder não se pode fazer - lutar para que os que gostam do poder, decentemente, ética e politicamente do poder, e que cujos sonhos coincidam com os meus, tenham esse poder. Eu estaria, absolutamente errado, se dissesse: na medida em que eu não tenho fascínio pelo poder, eu também não faço coisa nenhuma para que outros tenham o poder. De jeito nenhum. Por isso mesmo, então, eu sou um homem partidário.

MAXIMO: em síntese, não lhe fascina, pessoalmente, mas, também, como intelectual, não lhe basta a crítica externa ao poder. Ela não seria suficiente - ainda que não sejam coisas excludentes.

PAULO FREIRE: Exato, exatamente.

MAXIMO: Professor, eu quero lhe fazer uma pergunta sobre a relação entre cultura e política - que é um dos assuntos da minha tese - cultura, no sentido corrente da palavra e, também, no sentido de erudição, ou seja, de modo amplo. Como o Sr. vê a tese de que a cultura deve ser, rigorosamente, autônoma em relação à política? Há duas posições entre os estudiosos do tema: um grande grupo de intelectuais está convencido de que, quando a cultura é colocada a serviço do poder, ou de um partido, ou de um

projeto político, no limite, ela até se “prostitui”; e há um outro grupo, no outro extremo, que diz que a intelectualidade, os homens de cultura precisam fazer política e, nalgumas circunstâncias, até mesmo para salvar a própria cultura. Nesta pergunta, acoplo uma outra. É justo e legítimo que um partido tenha um projeto cultural para o poder. Afinal, o partido visa o poder e tem, evidentemente, na sua proposta, um projeto cultural. O partido derrotado, por sua vez, também tem o seu projeto cultural. Como é que se daria essa dialética entre o projeto cultural do partido vitorioso e o projeto cultural do partido derrotado?

PAULO FREIRE: Em primeiro lugar, eu acho que deve haver uma perspectiva, rigorosamente, democrática. Se não é, de um lado uma licenciosidade, em que todo mundo faz o que quer, não pode, porém, de outro lado, ser uma domesticação em que todo mundo tem que fazer o que meia dúzia quer. O artista não é obrigado a ficar manietado dentro de uma perspectiva estreita da liderança de um partido que chegou ao governo. Acho isso um absurdo. Mas, por outro lado, o partido que chegou ao governo, e que tem o seu sonho, e que tem, portanto, a sua compreensão da cultura, tem também o direito de trabalhar por seu sonho. Um exemplo disso é o secretário da cultura de Pernambuco. Ariano Suassuna é um homem extraordinário, tem uma compreensão bem mais ampla da cultura do que certos intelectualistas, esteticistas do Brasil. Mas seria um absurdo que ele pretendesse domesticar os artistas de Pernambuco à sua compreensão, por mais ampla e gostosa que ela seja, e, prá mim, certa. Seria um absurdo que ele pretendesse dizer que todo mundo, agora, deveria entrar no seu esquema, que dissesse: pronto, agora o projeto é esse! Mas seria, também, um absurdo que ele não brigasse pela sua utopia. No fundo, admitindo que o PT chegue ao governo - e eu prefiro dizer governo que dizer poder, porque nunca se tem o poder por inteiro - ele tem todo o direito de se bater por uma política de cultura que o anima. Agora, o que ele não pode fazer é proibir, não pode matar as possibilidades de manifestações de outros projetos culturais. Não sei se está claro?

MAXIMO: está claro. Mas com relação à autonomia da cultura diante da política, de um modo geral, em função daqueles dois grupos que eu lhe disse, como é que o Sr. veria esta questão? Por que aí elas se colocam de modo radicalmente excludentes. No caso do poder, está claríssima a sua posição. Mas com relação à autonomia da cultura, de um modo geral, cultura e política não devem se misturar, há uma tese de mútua exclusão.

PAULO FREIRE: Eu acho que a própria expressão política também é cultural. Eu continuo não aceitando dicotomias nisso tudo. Acho, porém, que as manifestações culturais não podem em nem devem estar, numa perspectiva democrática, submetidas a estilos e a pontos de vista que um poder tem num determinado momento. O Stalinismo, por exemplo, foi um absurdo, em todos aspectos pelos quais você olha. Foi um absurdo pretender impor no teatro, no cinema, na música, o ritmo de andar, de ler, de escrever. É um absurdo! Por outro lado, o partido permanecer, absolutamente, indiferente e licencioso, é outro absurdo! Inclusive, porque o comportamento licencioso de um governo é profundamente anti-pedagógico.

MAXIMO: Perfeito. Já que o Sr. tocou no Stalinismo, eu vou tocar numa questão importante para os partidos criados a partir das 21 regras da Terceira Internacional, os PCs da América Latina, da Europa, de um modo geral. Como o Sr. vê a questão do Centralismo Democrático? Na sua experiência pessoal, ou com o PT, nalguma medida, o partido tolheu a sua liberdade de expressão e pensamento, a sua liberdade de produção cultural, de pesquisa, de investigação, a liberdade do intelectual? O partido é tolhedor das liberdades dos militantes, nalguma medida? Para muitos, Isso é um argumento real. Há quem diga que não vai para o partido porque lá não tem a mesmaliberdade de crítica que tem fora do partido.

PAULO FREIRE: Olha, não. Eu acho que estaria errada esta posição. À pergunta, o partido tolhe? Responderia: tolhe ou não tolhe. Isso vai depender da prevalência no partido, das opções, dos caminhos democráticos ou anti-democráticos. Ora, um partido

rígido, como as esquerdas de modo geral foram, evidentemente que tolhe.

MAXIMO: e no caso do fascismo?

PAULO FREIRE: Também, evidentemente que tolhe! O que eu queria negar era uma análise metafísica do partido, o que eu quero negar é que o partido seja, do ponto de vista da natureza do seu ser, tolhedor.

MAXIMO: Mas não seria tolhedor pelo fato de, necessariamente, ser parte?

PAULO FREIRE: É, mas eu acho que não. Se é, eu quero negar isso. O que eu quero dizer é que nós, os militantes, temos o dever, a obrigação de brigar para que o partido não se transforme num órgão de tolhimento dos militantes.

MAXIMO: Perfeito, e na sua experiência dentro do PT, por exemplo?

PAULO FREIRE: Não, na minha experiência, não. Até mesmo porque se houvesse sido procurado, por qualquer nível do partido dos trabalhadores, para que eu não escrevesse o que escrevo, eu não tomaria nem conhecimento. Quer dizer, a minha disciplina não vai a esse ponto. E isto porque eu considero um absurdo! Recentemente, eu publiquei um livrinho chamado “À Sombra Desta Mangueira” onde eu discuto essas relações entre os partidos e os militantes, os partidos de esquerda, a pluralidade das esquerdas e a singularidade da direita - e é por isso mesmo que ela ganha sempre.

MAXIMO: Aliás, nesse país, a direita sempre teve um grande partido, independentemente do nome que ele tenha tido. Aquela tese de que o Brasil não tem uma tradição partidária não é verdadeira. A direita sempre teve.

PAULO FREIRE: Exatamente! Mas claro, claro!

MAXIMO: Mas, me deixe explicitar melhor esta questão. Eu quero dizer, por exemplo, o seguinte: O professor Paulo Freire, intelectual da educação e militante, leva uma proposta de educação para ser discutida nas bases do partido. O seu interlocutor, normalmente, não é um interlocutor qualificado na sua área, não conhece os meandros da educação como o Sr. conhece. De repente, esta sua proposta, é derrotada numa articulação política, interna, dentro do tensionamento normal nas lutas internas do

partido, da dinâmica interna do partido. Bom, sua proposta é derrotada. Como é que o Sr. vê esta questão? Para alguns intelectuais, esta hipótese, apenas a hipótese, já é motivo de não adesão; para outros, às vezes, é até motivo de rompimento com o partido.

Paulo Freire: Exato, exato! Vamos até fazer, concretamente, vamos admitir o seguinte: que eu leve às bases uma proposta pedagógica, segundo a qual, os educandos deveriam ter ou ser convidados a ter experiências nas salas de aula, nos recreios etc.. experiências em que a sua curiosidade, de seres humanos, de criança, de adolescentes, fosse tanto quanto possível, provocadas, estimuladas para que crescesse a sua ansiedade por saber, acho que isto é absolutamente correto. Com esta proposta, eu estaria brigando por uma prática pedagógica que eu venho chamando de “educação da pergunta” e não “educação da resposta”. Suponhamos que eu fosse, totalmente, derrotado pelas bases por acharem que a pedagogia deveria ser a da resposta mesma. Veja bem: se, essa hipotética viesse, verdadeiramente, das bases, na sua pureza, inclusive, mas na expressão, também, da ideologização que elas vêm sofrendo há 500 anos, do autoritarismo brasileiro... não há dúvida nenhuma que eu aceitaria. Eu fui, nas minhas experiências anteriores, derrotado, também. Em alguns momentos da minha vida eu fui derrotado. Inclusive, escrevo sobre isso num livro recentemente publicado, chamado “Cartas à Cristina”. Nele, há uma longa carta sobre a minha experiência no Sesi de Pernambuco, onde eu falo de como fui derrotado, fantasticamente, pelas bases populares. E depois eu ganhei, mais adiante ganhei. Na verdade, ganhamos a luta. Neste caso, eu aceitaria a derrota e continuaria brigando como político-educador e como educador-político. Se porém, as restrições partissem de uma liderança, autoritariamente montada, que pretendesse impor princípios, eu não te digo que sairia, mas não te digo ficaria, simplesmente. Eu iria prá briga no sentido de mostrar a contradição entre as restrições a uma proposta como esta e os sonhos transformadores de que o partido fala. Eu acho que a militância não é fácil, mas é absolutamente fundamental. E não é possível

escapar dela. Agora, você tem diferentes maneiras de militar. Eu não me acho um militante formidável. Acho que ninguém é. Eu não tenho o gosto pessoal da militância. Pra mim, o Partido dos Trabalhadores, por exemplo, tem que me entender como eu estou sendo e não tem que pedir a mim coisas para as quais eu não me sinto competente, coisas que eu não gosto.

MAXIMO: Por exemplo, te envolver, numa companhia de filiação...

PAULO FREIRE: Por exemplo, não dá, não dá! O partido tem que me entender nas minhas debilidades, nas minhas fraquezas mas, também, nas minhas produtividades.

MAXIMO: Perfeito! Na verdade, nesta questão, está implícita a tese de que o educador também precisa ser educado na luta política? Ou seja, nessa relação do intelectual do partido com as massas, nalguns casos, pode ser que o intelectual esteja errado e as massas estejam certas?

PAULO FREIRE: Exato! Exato!

MAXIMO: A relação dos intelectuais com as massas é um dos sub-temas da minha tese. Sei que o Sr. já teve, no passado, um forte relacionamento com as massas. Isso continua ainda hoje? O Sr. ainda tem se envolvido com movimentos de massa, do tipo CEBs, movimentos, associações de moradores? Como tem sido a sua experiência com esses movimentos?

PAULO FREIRE: Olhe, você disse muito bem: eu já tive. Não há dúvida nenhuma. Toda a minha mocidade foi vivida, politicamente, em diálogo permanente, com grupos populares, camponeses, trabalhadores urbanos, favelados das áreas do Recife... Foi exatamente, toda essa experiência anterior que, depois, se alongou durante o exílio, fora do Brasil, que me deu matéria para, refletindo sobre ela, fazer propostas como as que venho fazendo no campo da educação e da política. E é uma coisa interessante. Eu estive em Maceió, há vinte dias para receber um doutoramento... "honoris causa" e fazer uma conferência. E me levaram, com minha mulher, a uma rua repleta de casinhas onde se vendiam rendas, etc... Assim que eu cheguei, uma senhora gritou: Prof. Paulo

Freire, eu vi o Sr. ontem na televisão. Chamou as suas colegas - venham cá, venham cá! E disse: estamos recebendo uma visita de uma grande celebridade. Achei fantástico esse negócio! Eu a abracei e ela disse: eu ouvi o que o Sr. disse. Depois, a minha mulher me disse: Paulo, eu não tenho dúvida nenhuma de que, evidentemente, esta senhora nunca leu a "Pedagogia da Esperança", a "Pedagogia do Oprimido", nada disso. Ela ouviu você e ela adivinhou, adivinhou você. Veja a importância da intuição e da adivinhação. Ela intuiu que você tem brigado, tem lutado, em favor de uma mudança no país. Se você pedir a ela, agora, que lhe explique as bases dessa possível mudança, que você pensa, com que eu sonho, ela não vai te responder. Mas o que não se pode negar é que essa mulher não leu a Pedagogia do Oprimido, não leu tuas obras, mas intuiu que tu tens feito algo nesse sentido. Eu não tenho dúvida nenhuma que a interpretação da "Nita" é correta. Isso vem ocorrendo pelo mundo afora, quer dizer, a coincidência. Por exemplo, um moço que também estava no Recife, professor de vídeo, que me acompanhava para fazer umas tomadas que, depois, serão apresentadas num congresso em março, nos USA - e é a segunda conferência sobre a "Pedagogia do Oprimido", uma "baita" de uma reunião! - esse rapaz me contou que chegou numa área popular e estava com dificuldade em filmar. Um cara lhe perguntou: prá que é isso? Ele respondeu: isso é para um professor que você, possivelmente, não conhece, o Prof. Paulo Freire. E o homem, então, respondeu: não, prá ele pode. Eu acredito, então, que ainda haja uma forte ligação - me desculpe se isso pode parecer muito pouco humilde! - mas não estou batendo no peito, num ato de falta de humildade. Estou dizendo que há um fato concreto e isso explicita, no meu entender, a minha convivência com os movimentos populares. Hoje, muito mais do ponto de vista das minhas idéias, defendidas antes, e da prática, do que antes. Antes representava a presença física mesma. Hoje, menos.

MAXIMO: Hoje sua presença chega muito através de outros atores, também.

PAULO FREIRE: Mas é evidente! E de um sem número de atores! Então, eu me sinto, absolutamente, vivo nas áreas populares, independentemente, de estar fisicamente

bem ou não. E defendo isso como uma obrigação, também, do intelectual.

MAXIMO: nenhuma incompatibilidade, portanto?

PAULO FREIRE: Eu acho que não. As incompatibilidades são as mesmas, por exemplo, entre uma vida academicamente séria e uma noite de lua, na beira de um rio. Eu acho que o intelectual não pode viver, apenas, nas margens de um rio, nas noites de lua, mas não pode ter medo das noites de lua. Isto quer dizer, no fundo, os intelectuais, às vezes, quanto mais de esquerda se pensa, mais mal amados viram, acham que falar de uma noite de lua, não é, cientificamente, rigoroso.

MAXIMO: Aliás, há uma tese entre as mulheres que diz que os homens de esquerda não são grandes amantes!

PAULO FREIRE: Pois é... eu não posso afirmar nada disso, mas se é que é verdade, então, eles estão muito errados.

MAXIMO: Professor, a entrada de Florestan Fernandes e de Fernando Henrique Cardoso - grandes Sociólogos, homens da academia, do coração da Sociologia, Florestan ainda mais - a inserção deles no partido político traz perda para a sociologia, enquanto área de conhecimento? Aproveito para acrescentar uma outra questão: o seu ritmo de trabalho, a sua produção, por ocasião em que esteve à frente da Secretaria Municipal de Educação, com a Erundina, diminuiu muito?

PAULO FREIRE: Olha, eu acho, também, que esta é uma outra boa pergunta. O fato, por exemplo, de que o intelectual que se entregue fortemente a uma atividade político-partidária e executiva diminua a outra atividade, mais acadêmica, mais universitária, não significa que elas sejam incompatíveis. Significa que seus tempos, as suas exigências, não coincidem. Mas eu não tenho dúvida nenhuma, por exemplo, de que se você considera a experiência na sua totalidade, a vida de Florestan enriqueceu-se muito mais e a ciência que Florestan criou, e com a qual cresceu, desenvolveu-se muito mais com a sua experiência político-partidária de deputado, assim como a do prof. Cardoso (FHC). Eu acho que a sociologia de Cardoso deve perder muito mais com a aliança feita

com o PFL do que com a Presidência da República. Agora, às vezes, por exemplo, eu mesmo, quando fui Secretário de Educação de Erundina, depois de dois anos e meio, eu pedi a ela, e à minha equipe, para me liberarem. Eu lhes disse, olha, eu quero voltar pra casa porque preciso escrever umas coisas. E houve gente que pensou que eu estava brigado com a Erundina. Coisíssima nenhuma, entende! Nem com o partido, de jeito nenhum. O que estava acontecendo, é que na verdade, como secretário, eu não tinha tempo para fazer outra coisa que não fosse aquilo mesmo. Mas era absolutamente fundamental que aquilo fosse feito. Mas eu queria fazer, também, outras coisas. Depois, então, após dois anos e meio como secretário, com um trabalho de equipe, em que eu, possivelmente, fui o secretário que menos poder teve, mas o que mais teve, por que não teve.

MAXIMO: Era uma bela equipe, compacta, com um forte grau de coesão interna!

PAULO FREIRE: Sim, uma bela equipe! Então, não havia porque temer que houvesse qualquer desvio porque era uma equipe toda que mandava mesmo. E não era eu só. Então, quando eles se conformaram com isso, eu voltei e o Mário (Mário Sérgio Cortella) ficou lá e fez um excelente trabalho de continuidade, de recriação. E eu pude escrever seis trabalhos depois que deixei. Cumpri mesmo o prometido.

MAXIMO: aquela experiência, de alguma forma, potencializou a obra escrita?

PAULO FREIRE: Exatamente. É com isto que eu queria fechar a sua pergunta, dizendo o seguinte: a minha passagem pela prefeitura, como secretário, foi profundamente rica pra mim como intelectual, como educador. Eu confirmei um “bando” de coisas que eu pensava já que sabia; reaprendi outras tantas; e cresci no conjunto da atividade como secretário.

MAXIMO: “Quem não tem coragem de sujar as mãos não pode fazer política” - diz o personagem do Sartre em “As mãos Sujas”.. Essa idéia, hoje, por influência de Sartre ou não, está generalizada no meio do magistério e do povo. Há uma aversão ao partido, todo político é ladrão, enfim, os meios de comunicação pregam isso todos os dias - sem

contar que, em grande parte, os próprios políticos confirmam a tese. O Sr. diria que essa ausência do intelectual da educação no partido, nas discussões partidárias, na explicitação do seu posicionamento político, a ausência física, inclusive, isso tudo, de certa forma, não reforçaria no magistério-leitor a tese de que política é coisa suja e com a qual o professor não tem que se meter?

Paulo Freire: Eu acho que reforça. E a afirmação de que a política é uma coisa suja é uma afirmação errada. Realmente absurda! Acho que, por trás dessa afirmação não há pureza, há puritanismo - que são coisas absolutamente diferentes. O puritanismo é a distorção da pureza, é a falsificação da pureza. E a afirmação de que a política é suja é puritana e não pura. É um absurdo. Você veja que, em primeiro lugar, não há impureza apenas na prática política, na prática partidária, inclusive. Quando se diz uma coisa dessas você tem, implicitamente, na afirmação, a idéia de que no congresso brasileiro, por exemplo, só tem salafrário. É mentira isso, é falso isso, como também é falso dizer que na magistratura só tem pureza.

MAXIMO: é o mesmo que dizer que o mal é possível na sua plenitude, assim como o bem, também, pode ser possível na sua plenitude.

PAULO FREIRE: Exatamente, o que não são verdades. A gente precisa lutar por um comportamento ético, não apenas na câmara dos deputados, mas em qualquer lugar. E sem uma vida política, prá mim, é muito mais difícil alcançar a pureza.

MAXIMO: A vida política ensina?

PAULO FREIRE: ensina, e até dá forças.

MAXIMO: ensina, inclusive, a ser mais tolerante.

PAULO FREIRE: Sim, tolerante! É claro! Começa-se, por exemplo, a acusar a democracia por causa de todos os escândalos que a gente vê diariamente no país. Eu digo que, pelo contrário, fala-se hoje, desses escândalos todos, porque a gente está mais democrático. É exatamente por isso, não é culpa da democracia. Ao contrário, a democracia viabilizou falar dessas coisas, porque antes elas existiam, mas não era

possível dizer que elas existiam. Então, o problema da gente não é diminuir a democracia. É aumentá-la.

MAXIMO: O Sr. tem falado em diversos sindicatos, tem se pronunciado, tem sido convidado pelos sindicatos, etc. O Sr. tem alguma experiência em militância sindical, propriamente, dita?

PAULO FREIRE: Não, não tenho.

MAXIMO: Professor, sobre essa ausência da discussão do tema “partido político”, ou da relação “professor-partido”, no Pensamento Pedagógico Brasileiro, nas décadas de 70 e 80, e que eu considero uma lacuna. Como o Sr. vê essa ausência?

PAULO FREIRE: Eu concordo, inteiramente, com você. Esse foi, exatamente, um período de ausência democrática no país. No fundo, eram momentos em que se tinha a presença das idéias de algumas pessoas, que explicitavam alguns interesses, e se apresentavam como as únicas. Acho que é uma lacuna e que devemos lutar pra que essas coisas deixem de acontecer.

MAXIMO: Quais os referenciais, ou qual é o referencial teórico que pesam mais sobre a sua produção acadêmica, científica? O que o Sr. consideraria mais importante?

PAULO FREIRE: Olha, essa pergunta a mim me interessa muito porque desde o momento em que eu comecei a aparecer um pouco na vida pública, através da minha atividade pedagógica, na vida universitária, na vida acadêmica, na Europa, nos USA etc., começou a haver, sobretudo na Europa, uma preocupação acadêmica, quase academicista, de me classificarem: afinal, o que Paulo Freire é? Eu me lembro que havia um padre brasileiro, de Minas Gerais, que fazia uma tese na Alemanha. Na época, ele escreveu que não havia possibilidade de me enquadrarem, que me entendessem mais ou menos assim, livre. Talvez hoje eu pudesse dizer a você, numa atitude quase secamente, o seguinte: eu nunca aceitei como fonte de influência em mim e de desafio intelectual, nenhuma compreensão do mundo, nenhuma compreensão da história, nenhuma compreensão da mulher e do homem, portanto, nenhuma compreensão da

cultura, da educação, que deixasse de lado, despreocupadamente, o que eu venho chamando de Natureza Humana, assim como não aceitaria uma interpretação que se cingisse apenas a uma rigorosidade científica, que decretasse, “à priori”, o que deve ser a história e o que está sendo a história. Vamos admitir... que eu te cito num determinado momento. Mas o fato de eu te citar, num determinado momento, não significa que eu aceite a totalidade da tua experiência e da tua criatividade. Mas porque não aceitar aquilo que eu aceito, simplesmente porque é um momento diferente, teu... Foi isso que levou muita gente, nos anos 70, a me compreender como um eclético - o que eu recuso. Eu não me sinto um eclético como se pretendia dizer. Mas o que eu nunca aceitei, foi que eu devesse aceitar, em bloco, as posições. Por exemplo, Marx me fascinou e me fascina, indiscutivelmente. Eu aprendi um mundo de coisas com Marx. Mas eu nunca disse a ninguém que era ou que sou marxista por uma questão até de respeito a Marx. Olha, por exemplo, se eu digo “hoje eu sou marxista” o velho Marx “treme lá em cima.” Mas só o fato de eu aceitar que ele “treme lá em cima”, já me nega o direito de ser marxista. Porque se eu aceito que ele está “lá em cima”, então, eu aceito que ele continua. E ele acha que não continua. Ele não acha, ele afirma que ele não continua. Ele continua nas idéias dentro da história, mas não fora da história. Quer dizer, então, como poderia eu pensar-me ou dizer-me, sobretudo, marxista, se eu aceito um “a priori” da história e Marx não? Você só é, fundamentalmente, marxista a partir daí. Ou seja, nada antes da história, nem acima dela, mas na história e com ela. É a partir daí que se fazem as idéias e as lutas. Eu venho um pouco antes da história.

MAXIMO: Há mais ou menos 15 anos atrás, lá no seu apartamento perto da PUC, eu lhe fiz a seguinte pergunta: “até onde o Sr. iria com o Marxismo? E o Sr. me respondeu secamente: eu vou com o marxismo enquanto ele faz uma crítica fundamental ao capitalismo, que é a crítica que eu preciso para criticar o capitalismo, mas eu acredito num “a priori” na história. E Marx não acredita.

PAULO FREIRE: Isso! Você está vendo! É exatamente a resposta que estou te dando

hoje. Você veja, a partir daí, voltando à sua pergunta anterior, é muito importante isso, porque é, exatamente, a partir daí que houve distorções tremendas - algumas delas com um pouco de responsabilidade do próprio Marx - mas outras, na maioria, não. Houve todo o desenvolvimento de uma compreensão mecanicista da história, um momento em que, no marxismo, se desproblematizou o amanhã. Ele virou inexorável. A inexorabilidade do amanhã fez com que a gente passasse a acreditar que o amanhã já era conhecido antes, por antecipação, era conhecido hoje. A frase "o socialismo vem" foi um equívoco, "o socialismo virá", foi um equívoco, porque ele só vem se a gente o fizer. Por isso é que hoje todos estão dizendo por aí - inclusive, os que me chamaram de burguês antes - estão dizendo que o socialismo se acabou. Estão caindo no fatalismo pragmático do neoliberalismo. E eu continuo dizendo não, o socialismo pode vir se a gente trabalhar por ele, se a gente o fizer. Então, a minha tese, é a seguinte: quando Marx, por exemplo, nega a importância, fundamental, da subjetividade e da consciência - que foi deteriorada muito mais ainda pelo mecanicismo e pela compreensão mecanicista da história - eu não aceito Marx. Mas quando, também, Marx sublinha a importância da subjetividade eu aceito Marx. Então, você pode até pensar: "você é um cara gozado, você quer se aproveitar dos caras que dizem coisas que te ajudam a concordar com você mesmo". Mas eu acho que isso é assim mesmo, você tenta ampliar o número daqueles com quem você conta na sua briga, na sua luta. Então eu, hoje, e pra centralmente responder a você, a mim me interessa muito a influência, o suporte de quem, por exemplo, não estranha que a esperança deva continuar a ser, que ela faz parte da minha experiência ontológica. Quer dizer, eu não posso ser o ser histórico que sou se eu não entender que, para ser este ser, eu preciso de um amanhã. E eu não posso prescindir do amanhã enquanto ser histórico. E não é possível não prescindir do amanhã sem esperança. Então, a esperança, para mim, não é uma "arminha besta qualquer", ela faz parte da minha natureza humana, histórica, na briga de transformação do mundo. É nesse sentido, que todo mundo, por exemplo, que pense assim, me influenciou e me

influencia, mesmo que eu não conheça.

MAXIMO: Certo, o Sr. cita, expressamente, Marx como um autor que exerce grande contribuição ao seu pensamento. Citaria, ainda, algum outro, em termos de grades correntes de pensamento?

PAULO FREIRE: Eu acho que também o existencialismo me trouxe algo.

MAXIMO: pela via atéia e cristã»?

PAULO FREIRE: É lógico, exatamente pelas duas vias.

PERGUNTA: Eu lhe disse, ao telefone, que tinha duas hipóteses para essa dificuldade do intelectual se inserir na atividade partidária. Uma delas era essa crença na possibilidade da autonomia plena da cultura em relação à política, não misturar cultura com política. A outra era a dificuldade de relação entre intelectuais e as massas. Eu tenho dúvidas se eles iriam com as massas, com a democracia de massas, até as últimas consequências. Diante disso, o Sr. me disse: “E eu tenho uma outra hipótese, me cobre que no ato da entrevista eu te falo dela”.

PAULO FREIRE: Eu estou me lembrando da conversa. Eu estava, na hora, com a terceira, mas eu fui maluco por não ter dito pra você naquele momento. Não consigo me lembrar. Estou completamente esquecido. Naquela hora veio mas agora...

MAXIMO: Eu gostaria de saber quais as suas críticas, sua impressão dessa entrevista e, sobretudo, saber se há alguma coisa que o Sr. gostaria de dizer e que essas perguntas não lhe permitiram abordar.

PAULO FREIRE: Eu quero te felicitar pela seqüência das questões. Elas provocam um discurso, com continuidade, com uma tecitura que tem sentido. Não eu não tenho nada a acrescentar e te felicito pela maneira como tu propusestes.

MAXIMO: Depois de feito o meu estudo, e de ter defendido a tese, eu penso em publicar, talvez, um texto de entrevistas com uma abordagem introdutória minha. Neste caso, eu faria uma edição, sem quebrar a natureza de entrevista e gostaria de saber duas coisas: primeiro, se o Sr. deseja rever a transcrição e, também, se me autorizaria a

publicação.

PAULO FREIRE: Acho a idéia muito boa. Ela precisa, de fato, de um “editing” - e a minha contribuição seria a de ler o seu “editing”. Também, acho bom manter o caráter de entrevista e, desde já, você tem a minha autorização para a publicação.

MAXIMO: Quais são seus textos que eu poderia usar como complemento a essa entrevista, uma vez que eu acho que li quase todo o seu trabalho no curso que fizemos na PUC/SP.

PAULO FREIRE: Talvez você não conheça as obras mais recentes, mas há a “Pedagogia do Oprimido” que considero um clássico. Há um que é pouco lido no Brasil, mas que eu acho grandemente importante para me compreender, pelo menos, que é o “Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos”. Depois, esses os novos: “A Educação na Cidade”, “Essa Escola Chamada Vida”, “Cartas à Cristina”, “Professora Sim, Tia Não”, “À Sombra desta Mangueira”, “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”. (**Interrupção**).

PAULO FREIRE: Esta é Ana Maria, minha mulher. Ana Maria, este é um quase doutor, foi meu aluno em 1981, no mestrado, e está fazendo doutoramento na USP.

ANA MARIA: eu fiz meus créditos na USP mas depois me transferi para a PUC. Você está na USP com quem?

MAXIMO: Estou com Evaldo Vieira.

ANA MARIA: O Evaldo é ótimo.

PAULO FREIRE: O Evaldo é muito amigo da “Nita”.

ANA MARIA: Ai é outra coisa, aí vale a pena.

MAXIMO: É... eu espero ter talento para aproveitar essas entrevistas, fazer delas um bom trabalho...

ANA MARIA: Sobre o que é seu trabalho?

MAXIMO: Sobre a relação dos intelectuais da educação com o partido político.

ANA MARIA: O Evaldo é muito bom e eu gosto muito dele.

MAXIMO: O Evaldo me disse que abandonou o Direito somente pelo prazer de estar na academia para discutir idéias, participar da polêmica...

PAULO FREIRE: É, ele é um cara dez a zero!

PAULO FREIRE: Bem, agora eu vou lhe dar alguns livros mais recentes.

MAXIMO: O Sr. não vai me dar nenhum, eu vou comprar esses livros.

PAULO FREIRE: não, não, eu vou lhe dar todos. Mesmo que você não vá fazer uma estudo de cada um deles, as leituras que você possa fazer lhe serão úteis como complemento dessas questões da entrevista. Acho que eles respondem melhor algumas das perguntas que você me fez.

MAXIMO: Agradeço, muitíssimo.

PAULO FREIRE: Ah! Está faltando um último! Está faltando este último que é “À Sombra da Mangueira”. Aqui é que eu digo que na experiência política de cada um de nós é possível que um dia a direita considere que a gente seja um mal menor para ela. Isso não significa, digo eu, que a pessoa que seja considerada um mal menor para a direita saia gritando na rua: “não, não aceito ser um mal menor da direita, não aceito os votos da direita”. Não tem nada a ver com isso. Só que eu não tenho nada para retribuir à direita. Aí eu digo: pior, porém, é quando a direita escolhe um de nós para ser o seu limite. Quando a direita escolhe a gente para ser o seu limite; quanto a gente aceita ser o limite da direita; ou, quando a gente mesma escolhe ser o limite da direita, a gente vira direita. É isso o que houve com o Professor Cardoso (FHC).

MAXIMO: É verdade, boa interpretação. É uma análise que eu não tinha visto.

PAULO FREIRE: A direita atravessou o rio e, chegando do lado de lá, disse para o prof. Cardoso: “Fernando, você é o único sujeito nesse país, hoje, que se diz de esquerda, e que a gente aceita. Mais pra lá, nem um centímetro! Então, a gente veio cá dizer que vai apoiar você para a Presidência”. E ele disse: “aceito”. Quando ele aceitou ser o limite da direita, mas não tem porque não ser direita. Eu não tenho dúvida nenhuma ao dizer que o governo de FHC é um governo de centro direita.

MAXIMO: eu acho que o Sr. é muito generoso, eu sou menos generoso (gargalhada) porque, na verdade, olhando a trajetória de FHC a gente vê que ele nasce no miolo da direita, no coração do poder das elites. O pai era o chefe de gabinete do Dutra. Ele cresceu, portanto, naquele ambiente. Ele foi pra USP e lá encontrou uma determinada sociologia. Florestan já era mestre. E o fato dele ter feito toda a sua trajetória acadêmica com um referencial teórico de esquerda, aí é que está o desvio. Ou seja, nasceu no sei das elites dirigentes, teve um desvio à esquerda passando pela sociologia, e vai morrer no seio da própria classe.

PAULO FREIRE: Exato! Exato!

MAXIMO: E o marxismo que se aprende na Universidade, de certa maneira, encontra melhores formas de consenso. A Universidade permite, inclusive, que pessoas de vários estratos entrem pela via do marxismo e não tenham muitos problemas, porque a Universidade dá conta, de certa forma, de homogenizar isso. O embate, então, não extrapola muito o âmbito teórico. Coisa muito diferente, por exemplo, seria discutir o marxismo em termos da luta interna de um partido político. Então, o Fernando Henrique adota uma sociologia de esquerda. Olha que interessante! Mas vai morrer no coração da classe.

PAULO FREIRE: Exatamente, você está certo.

MAXIMO: Muito obrigado pela entrevista e me desculpe pelo incômodo.

Entrevista concedida a:

Antonio Carlos Máximo

Box Postal 375

78.700-000 Rondonópolis MT